

Go 22.9.67
DN 12.10.69
M 679
M 187
CM 5.3.54

FLU, julho 79
RN 107

Rubem Braga DN 12.10.69

Tristeza na Fazenda

É melhor você ir com Fritz. O Marechal é muito ruim. Pobre Marechal! Acabei dando um passeio com ele, e era na verdade muito ruim: preguiçoso, duro de boca, trotão. Dêsse trote incômodo saía para um galope curto e desconfortável: de chibata e espora, mão no freio, forcei sua marcha. Era dura e cansativa, e a qualquer descuido degenerava em trote ou galope. A culpa não era do bicho; tinham-no feito trabalhar mais de ano na carroça, coisa que não se deve fazer com um Marechal.

Fritz é macio, de boa marcha, e seu único defeito é ser muito tropicador. Levo na garupa um menino da roça, saltamos na orla de um capão, a passarinhar. Entre no mato de botas, com esse medo de cobra que é o sinal ridículo do homem acostumado à cidade; o menino vai descalço. Quando me afasto dele, tenho prazer em andar sozinho na sombra verde, cheia de pios e zunido: em algum lugar perto um córrego murmura. Vou quebrando galhos e afastando cipós: um arbusto tem alguma coisa de familiar que me chama a atenção: é um pé de café. Os grãos são pequenos e verdes; no chão há muitas mudas de um a dois palmos, nascidas de frutos caídos. O café sobreviveu apenas assim, guardado pelo mato que o envolveu, nesta velha fazenda fluminense que hoje é apenas de criação. Visito as instalações em ruínas, onde se beneficiava o café e se fazia açúcar e cachaça. As senzalas eram aqui, formando um quadrado com a casa grande; no imenso forno era feito pão para sessenta famílias. Jogados a um canto, entre vassouras e tiriricas, velhos ferros de prender escravo. Ando pelas salas imensas: há uma tristeza surda no casarão onde outrora soaram as botas do senhor e do feitor, na varanda dos fundos onde as moças com certeza vinham conversar de tarde.

Leio histórias (): Vassouras, Valença, antigas fazendas, vejo fotografias de grupos de famílias com homens barbudos, já visitei velhas salas de visita conservadas como eram, folheei álbuns, espiei ruínas — e toda essa nobreza fundada apenas no trabalho dos pretos, toda essa civilização morta, com suas grandezas e seus precários requintes me dá apenas desgosto, melancolia. O encanto de suas iaíás e os gestos de seus barões se perdem na tórva banalidade da longa escravatura. E como ainda estamos perto de tudo isso, dessa rotina torpe de cativo, como é recente e pesado esse passado do Brasil, como tudo é opressor, os muros, os ferros, as gordas igrejas barrócas, as pedras, o barro das tapas e adôbes!

Estico-me na rede: lá fora, na goiabeira, uma cambaxirra canta.